

Que tal adotar uma escola?

GERALDO JORDÃO PEREIRA

Recentemente tomei conhecimento, através de um artigo na revista "Exame", da experiência de adoção de uma escola estadual em Curitiba, realizada pelo diretor da empresa Exal, que, inconformado com o estado de abandono em que via diariamente a escola — vidros quebrados, pintura descascada, paredes grafitadas, lixo amontoado — decidiu tomar essa iniciativa, no mínimo *sui generis*. O mais interessante nessa adoção, no entanto, foi o fato de ela não implicar apenas em suprimento de recursos financeiros à escola, mas sobretudo da cessão da equipe de recursos humanos da Exal — que acabará de receber o certificado ISO 9002! — visando a levar à escola o método de gerência pela Qualidade Total, originário do Japão e adaptado para o sistema educacional pela Fundação Cristiano Ottoni, de Belo Horizonte.

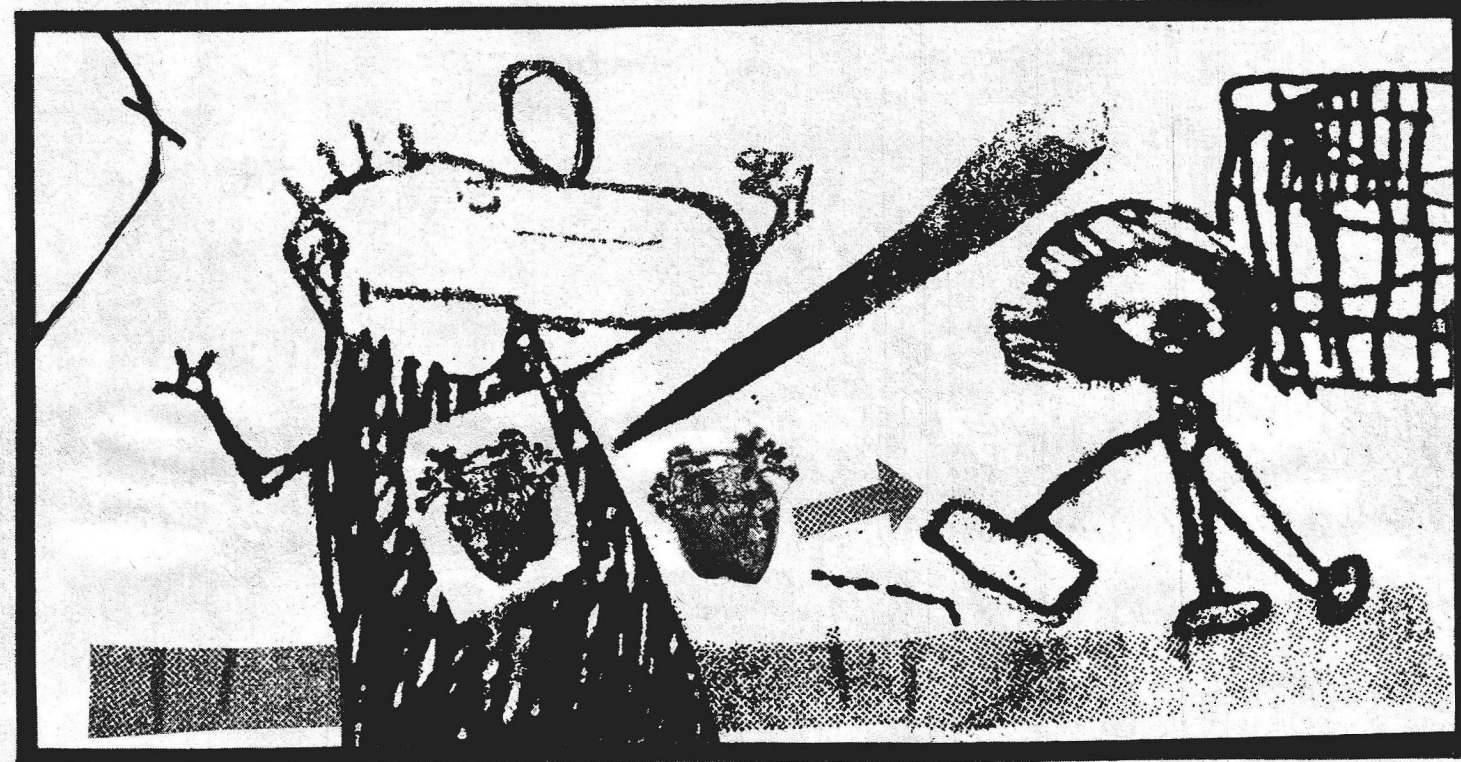
Fui a Curitiba visitar a Exal e sua "filha adotiva", e fiquei maravilhado com o resultado obtido nesses poucos meses de envolvimento entre a equipe da Exal e a direção da escola, professores, alunos e seus pais, criando-se um autêntico processo de gerência participativa, revolucionando a pedagogia e eliminando praticamente os índices de evasão, repetência, absenteísmo, fortalecendo assim o conceito e a prática da cidadania.

Ocorreu-me então aproveitar esta experiência bem-sucedida para desenvolver um projeto mais amplo a ser implantado, com o apoio das classes empresariais, na rede municipal do ensino fundamental no Rio de Janeiro — pasmem!, a maior rede de escolas da América Latina. Reproduzo aqui as linhas gerais do projeto na esperança de que frutifique.

É notório, e ocioso até, reafirmar-se o papel fundamental que exerce a educação nos países em desenvolvimento e até nos já desenvolvidos.

Tal é o coro de vozes nesse sentido, que julgamos oportuno reproduzir a afirmação de um empresário e de um economista, que vêm somar-se aos clamores de educadores, sociólogos e antropólogos envolvidos diretamente com o processo educacional.

1. "Há muito tempo que o Brasil é uma economia emergente. Já é tempo de o país, finalmente, emergir. Ao promover melhor educação, o Brasil estará caminhando nesse sentido. Numa economia



Cavalcante

emergente, é necessário haver um sistema educacional decente, que não seja restrito às elites, mas disseminado para toda a população, de forma a criar uma base forte e ampla. Os países que investiram volume considerável de recursos para educar suas populações obtiveram maior desenvolvimento econômico."

GARY BECKER, economista, Prêmio Nobel de Economia de 1992.

2. "O problema não é o dinheiro, mas a capacidade de produzir retorno. Esse é o desafio do Brasil hoje em dia — tornar-se mais eficiente, mais produtivo. Agora é hora de investir em educação e infraestrutura. O resto virá atrás."

MARK MOBIUS é dono da Templeton Emerging Markets.

É consenso ainda que uma das maiores dificuldades no sistema educacional brasileiro está no ensino básico, onde são cruciais os índices de absenteísmo, repetência, evasão escolar e baixa qualidade pedagógica — decorrentes, entre outras causas, da má formação e dos indignos salários do magistério.

Por mais que os governos federal, estaduais e municipais se empenhem em dotar seus orçamentos de maiores recursos para a educação, se não houver um concomitante preparo adequado dos dirigentes escolares, professores, estudantes e pais de alunos, esses recursos se-

rão sempre insuficientes para promover, com a eficácia necessária, uma transformação profunda no nível educacional da população brasileira.

Por outro lado, a economia interdependente e globalizada torna o empresário brasileiro cada vez mais consciente da necessidade de mudanças nas estruturas e métodos organizacionais de suas empresas, levando-o a utilizar-se de processos e sistemas modernos, tais como a qualidade total, reengenharia, conceito dos 5 S, para propiciar maior racionalização e eficiência dos processos de trabalho.

Este mesmo empresariado preocupa-se com o baixo nível de nossa educação, que irá gerar problemas graves de falta de mão-de-obra qualificada no futuro próximo.

Portanto, a solução que surge como a mais sensata é a do engajamento dos setores empresariais brasileiros numa parceria com o setor público, visando a contribuir decisivamente para a mudança desse quadro altamente preocupante.

Pensando numa solução concreta e não apenas retórica, proponho o estabelecimento de uma parceria entre o empresariado e a Prefeitura do município do Rio de Janeiro, através de um acordo ou convênio entre Firjan, Associação Comercial e Secretaria municipal de Educa-

ção, visando ao engajamento do maior número de empresas no processo de adoção de escolas e creches públicas, sob a administração e controle da SME, mas com a participação de instituições especializadas na implantação dos processos de Qualidade Total.

O processo de adoção das escolas pelas empresas teria como objetivo levar a diretoras, professoras, pais de alunos e estudantes novas metodologias de administração, comunicação, racionalização e participação nas decisões, de modo a criar-se uma nova motivação e capacitação em todos os envolvidos no processo educacional de nosso município.

Esse trabalho poderia ser desenvolvido por técnicos das próprias empresas, ou através dos serviços de empresas especializadas em treinamento de pessoal, reorganização, qualidade total, processos de comunicação e interação interna e externa, esquemas participativos etc...

Sendo a rede municipal de ensino do município do Rio de Janeiro a maior de toda a América Latina, ou seja, 1.033 escolas, cerca de 700 mil alunos e 37 mil professores, a tarefa pela frente não será fácil e nem de solução a curto prazo.

No entanto, uma vez a idéia aprovada pela direção da Firjan e da Associação Comercial, pela Secretaria municipal de

Educação e pelo prefeito do Rio, poderia se partir de imediato para a implementação do projeto, cujo segundo passo seria a assinatura de um convênio entre os acima citados, em que as entidades de classe representando a indústria e o comércio se responsabilizariam pela divulgação e sensibilização da proposta de adoção de uma escola junto a seus associados e empresariado em geral, e a Prefeitura do Rio ficaria responsável pelo controle e acompanhamento do projeto, criando mecanismos de motivação e sensibilização junto ao magistério e direção das escolas de Primeiro Grau e creches do município.

Isto se torna ainda mais necessário porque, a partir de 1998, as escolas municipais do Rio receberão recursos financeiros repassados pelo FNDE, do Ministério da Educação, numa política de descentralização, e municipalização dos recursos educacionais altamente louvável, mas que exigirá, por parte dos administradores das escolas, a mais correta e eficaz aplicação dos recursos e sua total transparência na prestação de contas ao FNDE.

Como experiência piloto, para testar a adequação dos materiais pedagógicos, bem como o processo de resistência das diretoras e professoras das escolas à mudança de paradigmas gerenciais na educação, sugiro escolher-se inicialmente apenas uma escola em cada Coordenadoria Regional de Educação (CRE), onde seria aplicado o projeto. Numa segunda etapa, tendo sido feitas as correções necessárias, e admitindo-se que o processo de treinamento inicial e básico da clientela envolvida tenha a duração de seis meses a um ano, cada empresa poderia ser responsável por uma escola a cada ano.

Se 150 a 200 empresas forem sensibilizadas para o processo de adoção de uma escola por ano, teríamos, já no final do segundo ano, uma parte expressiva da rede escolar do Rio de Janeiro devidamente treinada para uma nova realidade de administração escolar participativa no ensino básico, prevendo-se, sem grandes otimismo, completar-se esse processo no máximo em cinco anos, alterando-se significativamente a cultura de educação em nosso município.

GERALDO JORDÃO PEREIRA é editor e membro do Conselho Municipal de Educação do Rio de Janeiro.